

O ENSINO DE CIÊNCIAS/FÍSICA NAS TURMAS DA EJA EM CARRAPATEIRA/PB: ANDRAGOGIA VERSUS PEDAGOGIA

Cícero Marcos Meneses da Silva¹
Gustavo de Alencar Figueiredo²

RESUMO

O presente estudo volta-se a EJA no município de Carrapateira/PB, cuja modalidade de ensino objetiva promover a inclusão social e acadêmica dos indivíduos que não conseguiram concluir seus estudos na idade adequada. Assim, a pesquisa analisa o ensino de Ciências/Física nessa etapa educacional, observado os aspectos andragógicos e pedagógicos. Combinando abordagens quanti-qualitativas, incluindo análise documental e aplicação de questionários eletrônicos para alunos e professores da EJA, os resultados revelam que o ensino de Ciências e Física precisa ser contextualizado de acordo com a realidade vivida pelos alunos em seu dia a dia. A situação educacional da EJA no município reflete as tendências nacionais em termos de aproveitamento dos alunos e taxas de evasão, bem como a falta de oferta dessa modalidade no Ensino Médio. Para melhor caracterizar e implementar a EJA no município, é fundamental proporcionar formação contínua aos professores, considerando os princípios andragógicos e pedagógicos. Além disso, é necessário enfrentar as dificuldades estruturais e organizacionais existentes. Como sugestões de melhoria, propõe-se a criação de um programa municipal para a implantação da EJA no Ensino Médio, juntamente com a oferta de um curso de formação continuada exclusivo para os professores da EJA em Carrapateira. No entanto, é importante ressaltar que estabelecer um sistema educacional de qualidade para a EJA é um desafio que requer ações sociais, educacionais e políticas. Essas medidas são necessárias para garantir o direito dos jovens e adultos de retornarem ao ambiente escolar com uma educação de qualidade.

Palavras-chave: EJA, Andragogia, Ensino de Ciências/Física, Política Educacional.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil tem raízes históricas significativas. Durante o período colonial, os jesuítas desempenharam um papel na educação de adultos, mas foram expulsos em 1789, impactando a educação. A chegada da família real em 1808 levou ao desenvolvimento de um sistema educacional voltado para adultos, especialmente para a formação de uma força de trabalho e futuros professores. Após 1900, a ênfase na educação de adultos cresceu devido à Revolução Industrial e à necessidade de alfabetização em massa (Saviani, 2021).

Em 1934, um Plano Nacional de Educação estabeleceu as bases do Ensino Fundamental obrigatório, gratuito e inclusivo (Miranda; Souza; Pereira, 2016). A partir de 1950, com

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, cicero.marcos@estudante.ufcg.edu.br;

² Professor Orientador: Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, gustavo.alencar@professor.ufcg.edu.br

campanhas do Ministério da Educação e Cultura (Conceição, 2015), Paulo Freire introduziu uma abordagem inovadora no ensino de jovens e adultos, centrada no aluno como agente ativo do aprendizado, promovendo conscientização e mudança social por meio do diálogo, em contraste com o modelo tradicional de transmissão de conhecimento (Freire, 2002).

A Constituição de 1988 estabeleceu a universalização do ensino fundamental no Brasil (Artigo 208). No entanto, em 1996, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, ocorreu uma emenda à Constituição que transferiu a responsabilidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos níveis federal para estadual e municipal, mantendo a gratuidade apenas a cargo do governo federal, conforme a Lei nº 9.394/96, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (Conceição, 2015).

Em 2000, o professor Jamil Cury elaborou o Parecer CNE/CEB n. 11/2000, enfatizando a importância da EJA, pois pessoas com mais de 15 anos estavam excluídas desse direito. Suas análises influenciaram as políticas educacionais contemporâneas, incluindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (da Silva; de Sousa; Barbosa, 2021).

Em 2003, foi estabelecida a Secretaria Extraordinária para a Erradicação do Analfabetismo e o Programa Brasil Alfabetizado pelo Governo Federal, acompanhados de programas como a Escola de Fábricas, PROJOVEM e PROEJA (Miranda; Souza; Pereira, 2016). Em 2007, o Ministério da Educação do Brasil (MEC) aprovou o Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), que financiou todas as despesas educacionais, incluindo a EJA.

O Plano Nacional de Educação (PNE), estabelecido pela Lei nº 13.005/2014, definiu diretrizes educacionais no Brasil até 2024, incluindo metas para a EJA, como aumentar a matrícula e elevar as taxas de alfabetização (Brasil, 2014).

A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reduziu o foco na EJA, concentrando-se mais nas etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Isso prejudicou o acesso à escola para jovens e adultos que não puderam completar seus estudos nas faixas etárias consideradas "adequadas" pelo sistema educacional brasileiro, o que pode resultar em um aumento do analfabetismo devido à falta de políticas públicas específicas (Dourado et al., 2021).

A partir das experiências de Paulo Freire, sua literatura sobre educação de adultos, embasada no princípio da dialogicidade, surgiu, incorporando conceitos andragógicos. Apesar de não utilizar o termo "Andragogia" associado a Knowles, cujo enfoque se difundiu globalmente, as ideias de Freire influenciaram debates sobre a pedagogia empregada na EJA. O desenvolvimento histórico culminou na autonomia teórica da EJA, baseada na

interdisciplinaridade e na consideração das particularidades dos adultos em seu processo de aprendizagem (Barros, 2018).

A EJA no Brasil enfrenta desafios de continuidade e a necessidade de ações mais efetivas (Braga, 2019), e essa falta de atenção pode impactar negativamente o ensino de Ciência/Física nessa modalidade.

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, a falta de uma abordagem andragógica no ensino, que leve em consideração as necessidades e motivações dos adultos (Braga, 2019), destaca a importância da andragogia com raízes históricas em Knowles. Ao mesmo tempo, a abordagem de Paulo Freire, baseada na "dialogicidade," reconhece a conexão entre educação de adultos, questões sociais e políticas (Barros, 2018).

A maioria dos alunos na EJA brasileira é composta por adultos que voltam à escola motivados por questões profissionais e cotidianas. Portanto, é essencial que os educadores planejem suas aulas considerando a cultura, o ambiente e os interesses dos alunos, para que eles percebam a relevância do aprendizado em suas vidas (dos Santos, 2022).

No ensino de Ciência/Física na EJA, as abordagens andragógicas de Knowles e a proposta de dialogicidade de Freire desempenham um papel fundamental, incentivando o reconhecimento das experiências de vida dos alunos adultos e envolvendo ativamente os alunos na aprendizagem, com o objetivo de promover uma transformação significativa na sociedade por meio da educação (dos Santos, 2022).

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Carrapateira/PB, com ênfase no ensino de Ciências/Física, baseia-se em abordagens andragógicas e pedagógicas. A pesquisa utiliza revisões bibliográficas, fontes especializadas, artigos, trabalhos acadêmicos e pesquisas exploratórias para definir seu escopo (Villaverde et al, 2021).

Esta pesquisa adota uma abordagem mista, combinando elementos qualitativos e dados estatísticos para obter uma compreensão abrangente do tema. É de natureza descritiva e utiliza informações da Secretaria Municipal de Educação e do INEP, abrangendo o período de 2013 a 2022. Além disso, foram coletados relatos de estudantes e professores da EJA por meio de questionários eletrônicos, que foram posteriormente analisados (Villaverde et al, 2021).

A pesquisa incorpora elementos de pesquisa-ação, com a participação ativa do pesquisador na investigação documental e na aplicação dos questionários. O foco está na

descrição detalhada dos eventos e na compreensão das consequências da intervenção, tanto as esperadas quanto as inesperadas ao longo do processo (Villaverde et al, 2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Carrapateira/PB possui três escolas de ensino regular, sendo que duas escolas são de dependência administrativa municipal e uma estadual de ensino médio integral. Todas estão localizadas em áreas urbanas. Ainda sobre as escolas, as duas da rede municipal dividem a oferta de ensino em infantil numa e fundamental e EJA na outra (SME, 2022). A realidade das matrículas da EJA, num período de 10 anos – 2013 a 2022, estão resumidas na tabela 1 abaixo.

Tabela 1 – Matrícula da EJA em Carrapateira/PB – 2013 a 2022.

ANO	EJA PRESENCIAL								TOTAL	Percentual (%) em relação ao ano anterior	
	FUNDAMENTAL				MÉDIO					FUNDAM.	MÉDIO
	Est. Urban.	Est. Rural	Mun. Urban.	Mun. Rural	Est. Urban.	Est. Rural	Mun. Urban.	Mun. Rural			
2013	0,0	0,0	29,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	29,0	100,0	0,0
2014	0,0	0,0	51,0	11,0	10,0	0,0	0,0	0,0	72,0	213,8	0,0
2015	0,0	0,0	70,0	71,0	10,0	0,0	0,0	0,0	151,0	227,4	100,0
2016	0,0	20,0	92,0	65,0	10,0	0,0	0,0	0,0	187,0	125,5	100,0
2017	0,0	19,0	130,0	36,0	0,0	0,0	0,0	0,0	185,0	104,5	0,0
2018	0,0	18,0	129,0	14,0	0,0	0,0	0,0	0,0	161,0	87,0	0,0
2019	0,0	13,0	149,0	66,0	0,0	0,0	0,0	0,0	228,0	141,6	0,0
2020	0,0	20,0	0,0	54,0	0,0	0,0	0,0	0,0	74,0	32,5	0,0
2021	0,0	20,0	145,0	43,0	0,0	0,0	0,0	0,0	208,0	281,1	0,0
2022	0,0	22,0	179,0	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	226,0	108,7	0,0

FONTE: Adaptado pelo autor (2023) – Dados do INEP – Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>

O atendimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no nível fundamental no município é contínuo, possivelmente influenciado por mudanças na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (Conceição, 2015). No entanto, o atendimento da EJA no Ensino Médio ocorreu de 2014 a 2016, provavelmente como parte do Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 13.005/2014 (Brasil, 2014).

A partir de 2017, o atendimento da EJA no Ensino Médio foi interrompido, coincidindo com a proposta da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que não incluiu políticas públicas para a EJA, refletindo uma negligência contínua em relação a essa modalidade de ensino. Isso pode resultar em aumento da taxa de analfabetismo e exclusão das camadas sociais

mais pobres, prejudicando o desenvolvimento socioeconômico, científico e democrático (Dourado et al., 2021; UNESCO, 1997).

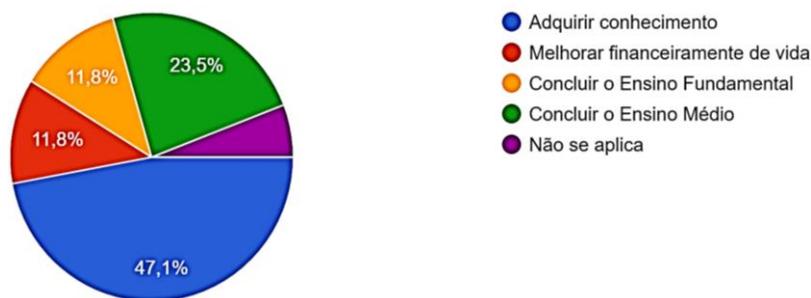
Analisando as respostas dos alunos em relação ao ensino de Ciência/Física na EJA, a maioria estudou na infância ou adolescência, embora tenha iniciado a educação formal mais tarde. A EJA atende a um público diversificado em termos de faixa etária e experiência educacional, exigindo métodos de ensino adaptados para lidar com as dificuldades enfrentadas por esses alunos que estão recomeçando sua educação.

Quando questionados sobre os motivos que os levaram a abandonar os estudos, 35,3% mencionaram dificuldades na compreensão dos conteúdos, 23,5% alegaram ter deixado a escola para trabalhar, 17,6% devido a responsabilidades familiares e 11,8% devido a problemas de transporte.

Como visto nos estudos teóricos, as falas dos alunos analisados, vem reafirmar que muitos discentes da EJA abandonam os estudos em busca de trabalho, problemas familiares ou outras dificuldades da vida. (Santos, 2022)

Ao serem questionados pelos motivos que os trouxeram de volta a sala de aula, os indivíduos inquiridos responderam:

Gráfico 1 – Motivação dos alunos(as) para estudar na EJA



Fonte: elaborado pelo autor – 2023.

O Gráfico 1 indica que a principal razão para o retorno dos alunos da EJA à escola é a busca por conhecimento (47,1%), refletindo seu desejo de aprendizagem (Santos, 2022). Educadores devem adotar uma abordagem andragógica e dialógica, considerando as necessidades de seus alunos (Martins, 2013).

As falas dos alunos corroboram a importância da educação para formar cidadãos críticos e ativos na sociedade, mesmo para aqueles que não tiveram acesso à educação regular.

No entanto, no ensino de Ciências/Física na EJA em Carrapateira/PB, os alunos enfrentam dificuldades (58,8%) e percebem uma falta de aplicação desses conhecimentos em suas vidas diárias. Suas citações ilustram essas dificuldades:

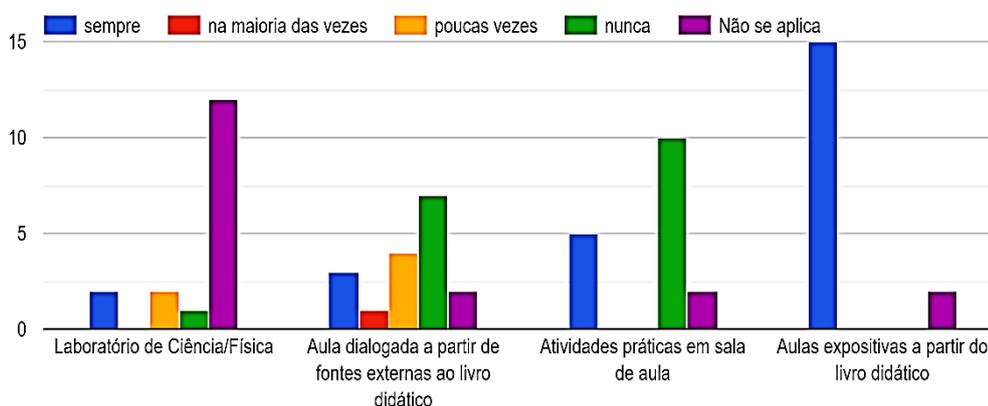
É UNS ASSUNTO DIFICIL (Aluno B)
 É COMPLICADO ASSUNTO DE CIÊNCIA (Aluno C)
 É pela ciência que sabemos cultivar as plantas na terra. (Aluno G)
 Faço muitas atividades no meu trabalho que usam conhecimentos de ciências. Encanação, elétrica... etc. (Aluno H)
 É MUITO DIFÍCIL ESTUDAR ESSES ASSUNTOS DE CONTAS E LUZ E SOL. (Aluno L)

O ensino de Ciências/Física na EJA tende a ser formal e abstrato, o que pode não atender às necessidades dos alunos (Moreira, 2016). A falta de inovação e criatividade é vista como prejudicial à aprendizagem, apesar de alguns alunos se adaptarem a esse método.

Para melhorar o ensino na EJA, é essencial adotar abordagens andragógicas e princípios freirianos no ensino de Ciências/Física, visando inspirar e estimular os alunos. Muitos alunos possuem conhecimento baseado no senso comum, mas carecem de compreensão científica significativa.

A metodologia atual precisa se tornar mais centrada nas necessidades dos alunos, alinhada com as ideias de Moreira (2016).

Gráfico 2 – Metodologias docentes para o ensino de Ciência/Física na EJA



Fonte: elaborado pelo autor – 2023.

O ensino de Ciências/Física na EJA é principalmente baseado em aulas expositivas a partir de um livro, sem aulas práticas ou laboratórios. Esses dados destacam a necessidade de uma abordagem andragógica na EJA, considerando as características do público adulto, que muitas vezes enfrenta desafios de aprendizagem devido ao longo período sem estudar.

Ao se questionar sobre se fosse eles o professor de Ciências/Física, o que mudaria na forma de ensinar esses assuntos, muitos alunos (23,5%) não souberam responder à pergunta, talvez por falta de compreensão. Alguns (23,5%) acreditam que o método de ensino não deve ser modificado, confiando no professor. No entanto, outros (35,3%) demonstram ansiedade por mudanças, sugerindo a necessidade de uma abordagem andragógica no ensino da EJA. Bem como ensina Paulo Freire,

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (FREIRE, 2002, p. 15)

Logo, as colocações de muitos alunos concordam com Costa (2018) ao destacar a importância da abordagem freiriana que coloca o aluno e seu conhecimento no centro do processo de aprendizagem na EJA.

Complementando essa busca de entender como o aluno atual da EJA se locaria no lugar do docente, especificamente na questão do ensino de Ciências/Física na EJA, perguntou-se sobre a postura dos professores atuais e se ele, no lugar do professor, agiria de forma diferente.

O questionamento busca entender uma relação pessoa a pessoa no trato do conhecimento de Ciência/Física que cada sujeito possui do senso comum e sua relação com o processo de ensino e aprendizagem da EJA. Extraindo apenas as respostas mais voltadas para o contexto, alguns alunos assim se posicionaram:

NÃO FICARIA SÓ NO LIVRO, LIVRO, LIVRO. É CHATO. (Aluno C)
conversava com agente para ver o que eu sei. Tem muita coisa que eu sei, mas não é aquilo que está na aula. (Aluno E)
Levava todos para roça e explicava lá. (Aluno G)
é isso que disse. Faria algo para eles montar e aprender. (Aluno H)

Mais uma vez, percebe-se que o professor deve adotar uma abordagem andragógica e dialógica, conectando os conhecimentos científicos à vida cotidiana dos alunos da EJA. Isso envolve orientá-los para identificar suas necessidades de crescimento pessoal e oferecer sugestões práticas. Além disso, incentivar a reflexão sobre o estilo de vida dos alunos, visando melhorar sua qualidade de vida (Martins, 2013).

Já na visão dos docentes, sobre o desenvolvimento da EJA, temos que:

Quadro 1 – Opinião dos professores sobre o desenvolvimento da EJA

	Discordo Totalmente	Discordo	Indiferente (ou neutro)	Concordo	Concordo Totalmente	Não se aplica
As políticas públicas do Governo Federal contribuem para a implantação da EJA no município de Carrapateira/PB.	14,3%			42,9%	42,9%	
A maioria dos professores dessa escola apoiaram a existência da EJA.	14,3%	14,3%	14,3%	42,9%	14,3%	
Há uma compreensão quanto a questão do trabalho no processo de formação dos estudantes da EJA.	14,3%			57,2%	28,6%	
A avaliação é positiva quanto a estrutura e as práticas ou ações desenvolvidas frente a EJA.	14,3%		28,6%	28,6%	28,6%	
A escola (ou secretaria de educação) oferece algum programa de capacitação para seus profissionais atuarem na EJA.	14,3%		14,3%	42,9%	28,6%	
Existem recursos extras advindos do Estado para atendimento da EJA no município de Carrapateira/PB.	14,3%		14,3%	28,6%	28,6%	14,3%
O currículo escolar trabalhado na EJA atende às necessidades de aprendizagem dos alunos.			14,3%	42,9%	28,6%	14,3%
Como professor(a), trabalho conteúdos nas aulas da EJA tangentes aos conhecimentos de Ciência/Física.			14,3%	28,6%	28,6%	28,6%

Fonte: elaborado pelo autor – 2023.

Ao ser pedido para justificar suas escolhas apresentadas acima no quadro 1, as colocações de alguns professores que se posicionaram, não fizeram uma menção mais significativa com cada afirmação avaliada no quadro supracitado.

Professor I destaca a importância de abordagem consciente na EJA, enquanto Professores II e III mencionam a falta de oferta da EJA no Ensino Médio em Carrapateira/PB. Dados mostram queda nas matrículas da EJA no Ensino Fundamental e Médio entre 2007 e 2019, possivelmente devido à reforma do Ensino Médio, necessitando de investigação científica.

Professores V, VI e VII elogiam os esforços da rede municipal, incluindo atendimento domiciliar, para motivar alunos desmotivados na EJA, fundamental para garantir o direito à educação e melhorar a qualidade de vida dos mais velhos. Evasão escolar na EJA é comum, causada por vários fatores, incluindo dificuldades de compreensão, necessidade de trabalho e problemas de saúde.

Professor I – Alguns alunos não tem muito interesse.

Professor VI – Pouquíssimos alunos conseguem finalizar todo os ciclos. Agora em 2022 apenas 8 finalizaram o Ensino Fundamental

Professor VII – Ainda é elevado o número de alunos desistentes.

A falta de formação específica para os professores da EJA e planos de aula inadequados podem contribuir para a evasão escolar (Professores I, VI, VII). Abordagens andragógicas são essenciais, e projetos inspiradores podem motivar os alunos a permanecerem na escola (Romão, 2010). A evasão também está relacionada ao sentimento de exclusão e rejeição devido a falhas anteriores na educação (Romão, 2010).

Os docentes destacam que os alunos da EJA enfrentam desafios, mas são resistentes e têm conhecimento informal valioso. Os professores devem ajudá-los a conectar esse conhecimento com o ensino formal, seguindo a abordagem de Paulo Freire que valoriza a comunicação.

Quando questionados sobre os planos de aula para a EJA, quase 60% dos professores os consideram bons ou excelentes. No entanto, é crucial que os planos de aula considerem a realidade dos alunos da EJA, pois apesar disso, muitos alunos relatam aulas expositivas baseadas em livros didáticos. Isso destaca a necessidade de alinhar os planos de aula com as necessidades dos alunos da EJA.

Professor V – Os planos são elaborados com equipe e adaptado para modalidade Eja.
Professor VII – Tem acompanhamento semanal para os planos.

Voltando-se a fala do Professor V “*planos elaborados pela equipe e adaptados para a modalidade EJA*”, percebe-se que, ao planejarem suas aulas na EJA, não consideram os princípios andragógicos ou dialógicos, possivelmente devido à falta de formação nesse conhecimento. Eles usam planos elaborados pela equipe, adaptados da pedagogia para a modalidade EJA. Isso pode limitar a promoção da aprendizagem autossuficiente, que deveria estar mais conectada às experiências diárias dos alunos. (Martins, 2013).

Quando se questionou aos educadores o que eles já abordaram na sala de aula da EJA em relação a Ciência/Física que perceberam um maior interesse dos alunos, alguns afirmaram que foi:

Professor III – Uma das atividades que os alunos mais gostam no ensino de ciências é a aplicação de aulas práticas experimentais.
Professor V – O meio ambiente
Professor VII – Sobre a realidade do plantio. Nascimento e crescimento das plantas.

As falas dos professores e dos alunos da EJA indicam uma discrepância na metodologia utilizada, com a ênfase em aulas expositivas e o uso de livros didáticos. Isso pode dificultar a construção do conhecimento em Ciências/Física, especialmente considerando as dificuldades

apontadas pelos alunos. Os professores precisam adotar uma abordagem mais adequada à EJA, afastando-se do ensino tradicional e abstrato. Isso requer uma mudança para práticas andragógicas e estratégias de gestão, especialmente no ensino de Ciências/Física. (Moreira, 2016).

Foi perguntado aos professores: Qual seu maior desafio em atuar(ensinar) na EJA? Alguns responderam que:

Professor III – Um dos desafios é poder sanar essas dificuldades de aprendizagem que cada um trás durante todo o seu percurso. E poder dessa forma contribuir de forma significativa para o seu sucesso formativo.

Professor VII – Trazer algo da realidade dos alunos para os conteúdos exigidos pelo currículo escolar.

Os educadores da EJA enfrentam vários obstáculos, incluindo a rigidez institucional, a heterogeneidade dos alunos, a evasão e a falta de materiais didáticos específicos. A compreensão da situação única de cada aluno é essencial para enfrentar esses desafios educacionais.

A responsabilidade dos educadores na construção do conhecimento dos alunos foi questionada, especialmente ao lidar com alunos "displicentes". A maioria das respostas dos docentes indicam desde a:

Professor III – Interdisciplinaridade envolvendo-a com os conteúdos ensinados e seu cotidiano.

Professor VI – Inovando em metodologias que envolva a ludicidade e a realidade dos alunos.

Professor VII – Casando momentos divertidos com aquilo que queremos que eles aprendam.

As falas dos docentes destacam a importância de abordagens andragógicas na EJA, refletindo elementos da andragogia de Knowles e da dialogicidade de Freire. Eles reconhecem que a aprendizagem não se limita à sala de aula, mas também ocorre nas experiências cotidianas dos alunos. Portanto, buscam tornar as aulas mais envolventes e relevantes, considerando as emoções dos alunos.

Essa abordagem andragógica visa a ajudar os alunos a entender por que estão aprendendo e como isso se relaciona com suas vidas, permitindo que apliquem o conhecimento fora da sala de aula por meio do diálogo entre professores e alunos. A educação de adultos deve ser guiada pela andragogia, conectada à dialogicidade, para atender às necessidades específicas dos alunos, promovendo a igualdade, solidariedade e sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto discentes como docentes expressam querer aulas mais envolventes e relevantes para a EJA, reconhecendo a importância da aprendizagem ao longo da vida. No entanto, a pesquisa também aponta desafios, como a falta de oferta de ensino médio na EJA no município de Carrapateira/PB e a necessidade de reformular o currículo de Ciências/Física para atender às necessidades dos alunos numa visão andragógica e de comunicação freiriana.

A andragogia, que considera a autonomia e experiência dos adultos na aprendizagem, é mencionada como uma abordagem valiosa para melhorar a qualidade da educação na EJA. Além disso, a pesquisa destaca a importância de políticas educacionais municipais que apoiem a expansão da EJA e a formação contínua de professores.

Em relação à dialogicidade de Freire, a pesquisa indica a necessidade de promover o diálogo entre os diversos atores envolvidos na educação de adultos, incluindo gestores, coordenadores e professores, a fim de superar os desafios identificados. Também ressalta a importância de uma abordagem longitudinal e dialética para futuras pesquisas que aprofundem a compreensão dessas questões e contribuam para melhorar a qualidade da EJA.

REFERÊNCIAS

BARROS, Rosanna. Revisitando Knowles e Freire: Andragogia versus pedagogia, ou O dialógico como essência da mediação sociopedagógica. **Educação e Pesquisa**, v. 44, p. e173244, 2018.

BRAGA, Maria Clara Gomes. **Formação de professores para a EJA: uma análise a partir de artigos científicos publicados na plataforma CAPES**. 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15962/MARIA%20CLARA%20GOMES%20BRAGA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acessado em 24 out. 2022

BRASIL. **Parecer CNE/CEB 01/2021** - Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao_informacao/pdf/DiretrizesEJA.pdf Acesso em: 23 out. 2022.

_____. **Lei nº 13.005**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm Acesso em: 24 out. 2022.

_____. **Lei nº 13.415**. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/113005.htm Acesso em: 08 fev. 2023.

_____, Ministério da Educação (MEC/SEED). **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base.** 2022. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 23 out. 2022.

CONCEIÇÃO, Gilmaria Carvalho. **Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional: caminhos trilhados na implementação do PROEJA FIC em Salvador.** 2015. 181 f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17387/1/GILMARA_POS%20DEFESA_VE_RSAO%20FINAL_CORRIGIDA.pdf Acesso em: 23 de out. 2022.

DA SILVA, Jaqueline Luzia; DE SOUZA, José Carlos Lima; BARBOSA, Carlos Soares. VINTE ANOS DO PARECER CNE/CEB N. 11/2000: DOS AVANÇOS AOS DESAFIOS AINDA NÃO SUPERADOS PELA EJA. **e-Mosaicos**, v. 10, n. 24, p. 81-95, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/57738/39287> Acesso em: 25 nov. 2022.

DOS SANTOS, Valcira de Souza. O ABANDONO DE ESTUDOS DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL DE BALBINA-AMAZONAS. **Repositorio de Tesis y Trabajos Finales UAA**, 2022. Disponível em: <http://revistacientifica.uaa.edu.py/index.php/repositorio/article/view/1307> Acessado em 23 out. 2022.

DOURADO, Daniela Lopes Oliveira et al. Direito à Educação: a invisibilidade da EJA na BNCC. **Revista de Políticas Públicas e Gestão Educacional (POLIGES)**, v. 2, n. 1, p. 203-220, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/poliges/article/view/8489/5768> Acesso em: 25 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, 25ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5019418/mod_resource/content/1/Pedagogia%20da%20Autonomia%20-%20livro%20completo.pdf Acesso em: 23 out. 2022.

MARTINS, Rose Mary Kern. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos. **Revista de Educação Popular**, v. 12, n. 1, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20331/12520> Acessado em 14 dez. 2022.

MIRANDA, Leila Conceição de Paula; SOUZA, Leonardo Tavares de; PEREIRA, Isabella Rodrigues Diamantino. A trajetória histórica da EJA no Brasil e suas perspectivas na atualidade. **Seminário de Iniciação Científica**, v. 5, p. 1-3, 2016. Disponível em: <https://www.ifnmg.edu.br/arquivos/2016/proppi/sic/resumos/e4e0c388-a724-45cb-8189-46e3a70afa64.pdf> Acessado em 23 out. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Autores Associados, 2021.

VILLAVERDE, Adão et al. **Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa em educação em ciências.** Editora Bagai, 2021